

Se a Burguezia quizesse...



La Monarquía no tiene gobernantes; ni mucho menos estadistas de los que son necesarios para resolver los complexos problemas creados por las necesidades de la vida moderna. De estos problemas, el de mas urgente solución, es el de la tierra y hemos de declarar que nosotros lo tenemos de antemano resuelto: entregaremos las tierras a los municipios, para que estos, á su vez, las entreguen á quienes sepam hacerlas producir.

A. LERROUX

(Chefe dos Republicanos Radicais)

(Palavras ditas num comício em Sevilha, em 18-5-919).

Yo entiendo que es más grave el problema del campo que el de las ciudades. Hay que acometer, con prudencia, pero con valor, el problema de la propiedad. Para decir esto en el Senado, ya se necesita valor. (Muy bien).

CONDE DE ROMANONES

(Chefe liberal)

(No Senado, em 1-2-919).

La tierra no puede ser propiedad de un individuo para que este haga de ella lo que se le antoje.

CALBETON

Ministro da Fazenda (Conservador)

(No Parlamento, em 12-12-918).

A' medida que os anos passam, cava-se mais fundo o fosso que separa a burguezia do proletariado. Os individuos e agrupamentos, que pertencem a uma ou outra classe, formam, cada vez mais, um bloco, desvanecendo-se, pouco a pouco, as divergências entre elles, em face do perigo comum, que a todos ameaça. A questão social, por esse lado, simplifica-se, porque se produz o que se chama o extremar dos campos, aparecendo duas forças apenas, em face uma da outra, como dois exércitos prontos para a batalha.

E que batalha! Uma luta de morte da qual há-de resultar ou um recuo formidável de toda a vida social, imposta por uma pobreza extrema na produção e na circulação dos produtos e da qual só em muitas dezenas de anos se começará a sair, ou uma transformação no sentido socialista, embora através de muitas convulsões e sofrimentos, de oscilações dolorosas entre a vitória e a derrota. Mas o que certamente do embate destas duas forças não pode resultar, é a conservação do que está. Para isso, por mais forte que se julgue ou pareça, já a burguezia não tem força.

Quando os conservadores consideram a agitação que por toda a parte se produz, entre as classes trabalhadoras, para uma transformação social, caem geralmente num dos dois extremos.

Tão depressa encaram essa revolução como uma temerosa vaga destruidora, desfazendo instituições, desconjuntando os mais solidos organismos, arruinando indústrias, paralyzando negócios, ceifando vidas loucamente e sem piedade, como essa mesma revolução é olhada com o sorriso dos scepticos, não se vendo, em tudo que se passa, mais que vãs e até pitorescas ameaças, que poderão ir, quando muito, a desordens mais ou menos graves, com perturbações violentas, mas momentaneas, voltando tudo á normalidade com umas concessõesinhas, depois de uma conveniente repressão pela espada, coisa a que, afinal de contas, se está muito habituado por cá.

Se os nossos conservadores: industriais, agricultores,

comerciantes, banqueiros, proprietarios, etc., fossem verdadeiros representantes da burguezia liberal, compreendendo o seu papel e o seu tempo, não andariam agora apavorados ou de sorriso nos labios e fariam a única coisa que devem fazer: a revolução salvadora, que, evitando a rajada cegamente destruidora, conseguisse colocar o país em condições de evolucionar para as formas de vida social, que eles tem ou tinham obrigação de saber inevitaveis.

Se elles fossem suficientemente inteligentes e sabedores, partiam do principio, verdadeiro, da fatalidade da transformação no sentido de uma constante socialização e procederiam logicamente, trabalhando por evitar a solução catastrófica e por facilitar a solução evolutiva, natural, com o menor número possível de abalos. Todos tinham a ganhar com isso.

* * *

«Essa revolução, porque seria uma verdadeira revolução, visto o enorme atraso do país, que a burguezia deveria fazer para bem de todos, consistiria numa série de reformas, que ninguém impugnaria e que, pelo contrário, todos auxiliaram, na medida do possível. Essas reformas, incidindo sobre as principais manifestações da vida portuguesa, deveriam dispor as coisas de forma que, ninguém perdendo com isso — a não ser privilégios e regalias indefensaveis — se pusessem os organismos económicos e políticos em condições de uma maior produção de riqueza, de uma mais justa distribuição dela e de um maior desenvolvimento da capacidade técnica geral. E não seria preciso reformar tudo, entrar em detalhes, em minudências de regulamentos. Estas coisas não sairiam da cabeça do reformador, mas de quem applicasse as reformas, o que, diga-se o que se disser, é secundário. O que é necessário é que a parte fundamental de cada reforma contenha os elementos de adaptação ás necessidades de futuras transformações e que da sua applicação resulte a intensificação de vida, característica de todo o progresso social.»

Um certo número de indivíduos que, por qualquer motivo, pertencem á burguesia, sabe que a transformação é inevitável e procura evitar o desastre. Mas esses constituem uma pequena minoria e não pertencem, em regra, ao que se chama o mundo dos negócios. A grande maioria, representada principalmente por esses indivíduos a que agora se deu em chamar *forças vivas*, (as outras serão *forças mortas*?) é a parte da burguesia cega e surda, que para nada repara e a nada atende, teimando, por isso mesmo, em manter os métodos de produção e consumo em que tem vivido. Até agora tem tido a força suficiente para impedir que se entre pelo caminho útil para todos e portanto para ela; e tudo leva a crer que a sua resistência à transformação se manterá obstinadamente.

E todavia parece-me que ainda se estava a tempo de evitar, não a luta, mas grande parte das tragédias a que ela pode dar lugar e sobretudo evitar-se a derrocada, o grande recuo, a miséria geral.

É o que fatalmente acontecerá, se aqueles representantes da burguesia, mais esclarecidos, não conseguirem convencer a maioria, da fatalidade da transformação. Depois, quando uns e outros quizerem dar satisfação á imperiosa necessidade que tem o organismo social de se renovar, tudo que fizerem ficará sem efeito, como tudo que se faz demasiado tarde. Ainda é possível, mas é preciso, para isso, não perder tempo nenhum e, como diz Emile Vandervelde, falando da fatalidade da revolução, que ninguém pode já impedir, fazer-se a revolução à inglesa. Doutra fôrma, não se tenha ilusões! haremos de ter a revolução à russa.

A revolução social, o *mundo novo*, o Socialismo que se pregava antes da grande guerra, a ninguém assustava porque ou a sua realização se julgava impossível ou tão longínqua que se considerava utópica. Mas repentinamente, pode-se dizer, com a guerra e muito mais ainda com aquilo em que vivemos e a que se tem chamado a paz, a famosa utopia de transformação social apareceu como uma realização ou tentativa séria de efectivação próxima.

A elaboração do mundo novo faz-se em cada país segundo as condições da sua vida social, nos seus variadíssimos aspectos. Mas ha um ponto comum a todos os países, que é a questão fundamental, em torno da qual tudo gira e sem a solução da qual nada fica resolvido: o *direito de propriedade*.

Tudo depende da orientação seguida pela burguesia. Dominará, como até agora, a idéa do direito de propriedade íntegro, inviolável, e procederá ela de modo a defender essa idéa a todo o custo, vendo apenas, nos partidários da transformação, perturbadores utópicos ou agitadores ambiciosos? Teremos a revolução á russa. E podem os conservadores rir-se destas e de outras palavras semelhantes, que isso em nada impedirá a tragédia. Nunca *os grandes* acreditam na audácia dos humildes contra elles dirigida. Cada um julga-se sempre uma excepção, um caso áparte, e *sabe bem* que os outros nunca se atreverão. Uma semana antes da revolução, a czarina, desprezando sustos e avisos, respondia que conhecia bem o seu povo, a sua dedicação ao czar!

Podiam-se citar tantos exemplos quantos os tiranos e tiranetes, para quem aquela ilusão tem criado horas amargas e quedas desastrosas.

Mas, em vez dessa attitude de intransigência, de teimosa cegueira e resistência, reconhecendo a fatalidade da transformação, a burguesia vai ao encontro do problema e inteligentemente abandona, dos seus direitos, privilégios e regalias, o que o estado social do país permite para benefício geral? Teremos, nêsse caso, a revolução á inglesa.

É á burguesia que compete decidir-se por uma das ma-

neiras, porque ela é que tem mais a perder. Por muito que o proletariado perca — e muito tem a perder, ninguém o nega — muito mais perderá a burguesia com a revolução feita á russa. O que ela pode fazer, enveredando pelo bom caminho, é mais benigno e menos difícil do que á primeira vista se poderá julgar, desde que proceda com lialdade, a lialdade que provém da compreensão das necessidades da massa popular e da gravidade da situação e não usando de paliativos com ares de reformas, no intuito, que tantos governantes tem perdido, de iludir a revolução entretenendo o povo com derivados de política partidária e outros.

E que ninguém se iluda, desde os homens das *forças vivas* até aos mais esclarecidos, mais bem intencionados da extrema esquerda da democracia, sobre a importância que, para a solução ou bom andamento da questão social, tem o direito de propriedade.

Ninguém, entre os socialistas, a qualquer escola que pertença, nega a importância dos outros problemas e todos sabemos o que é e o que vale a interdependência dos fenómenos sociais. Ver-se-á isso, pelo que me diz respeito, nos artigos subsequentes, pois nem sequer enfileiro ao lado dos partidários do *materialismo histórico*, dos que tudo subordinam necessariamente á produção ou influência do fenómeno económico, não negando, longe disso, a primazia ao factor económico.

Mas o momento histórico que todos estamos vivendo é que se caracteriza iniludivelmente por uma ância de transformação de ordem económica por parte das massas trabalhadoras, que já nada pode amortecer nem mesmo disfarçar, porque a favorecê-la, a dar-lhe força, está a desorganização da engrenagem da produção e do consumo, levada a um tal grau por efeito da guerra, que está toda dependente da boa vontade dos trabalhadores. Ora êstes, está verificado á saciedade com a paz dêstes três anos, *não querem* normalizar a produção e o consumo sem que novas condições na *estrutura económica* se estabeleçam, atingindo o direito de propriedade.

PARA QUE SE DEVE FAZER A TRANSFORMAÇÃO ECONÓMICA

Mas a revolução é necessária? perguntar-se-á. É mais do que necessária; é fatal. Nada a pode evitar, se afastarmos a hipótese duma subversão geral, e pouco a podem retardar as medidas de repressão que os governos tomam ou possam tomar, sempre na ignorância da fôrma de evolução das sociedades e por isso mesmo convencidos de que as agitações que se produzem são brigas de turbulentos que se resolvem com mais ou menos polícia. Estes governantes tem a concepção de que uma nação é uma espécie de grande feira, onde uns fazem negócio e outros se divertem e onde é preciso manter a ordem, mandando para a cadeia quem a altera com distúrbios.

Nada pode evitar a revolução, porque ela é a consequência da evolução que se realiza fóra da acção dos governantes. «Mas nesse caso, dir-se-á, o que ha a fazer é deixar correr as coisas, esperar que chegue o inevitável». Não; é preciso que a acção dos homens intervenha na preparação revolucionária, dando ao termo *preparação* a maior latitude, para que a revolução produza os bons efeitos que se desejam. E assim como os governantes não a podem retardar muito, assim a acção mal orientada dos revolucionários em nada a apressa. Estes também julgam que a nação é a tal feira onde é preciso inutilizar a força da autoridade, para depois se disporem as coisas a nosso gosto, sem sabermos se os feirantes estão de

acôrdo com a mudança ou tem sequer ideia do que se pretende dêles.

A revolução é necessária porque a sociedade actual já não tem a coesão suficiente para assegurar o progresso, tendo, por um lado, perdido a idealidade indispensavel a toda a obra verdadeiramente progressiva; e por outro lado aconteceu que, da sua própria evolução, resultou um conjunto de necessidades e aspirações individuais e colectivas, cuja satisfação requer uma estrutura social vasada em moldes diferentes dos actuais.

As necessidades e aspirações ás quais a actual organização social já não corresponde, são de toda a ordem, interessando portanto indivíduos de todas as classes e camadas: económicas, políticas, morais, etc.

Os indivíduos de pensamento autónomo, constituindo a minoria, evolucionaram, como sempre, mais rapidamente que as instituições, produzindo-se um desequilíbrio sempre agravado, até que o descalabro originado pela guerra nos veio mostrar, repentinamente, que esse desequilíbrio era muito maior do que supunhamos; e veio patentea-lo de modo tal aos olhos de toda a gente, que por todos é sentida e por muitos já percebida a desagregação das forças, cuja combinação mantinha a estabilidade social com uma aparência de solidez e uma fachada que encobriam a podridão interior. Mas a fachada esburacou-se, os alicerces apodreceram, o edificio oscila. E o que apenas alguns viam dantes, veem-no agora muitos, quasi todos: é que as instituições em que assenta a vida da sociedade, são organizadas pela injustiça e pelo egoismo e mantidas pela fraqueza ou pela hipocrisia dos que as defendem, não acreditando na legitimidade do seu prestigio nem na eficacia moralizadora da sua acção. E são esses, naturalmente, que á custa delas se mantem em situações de privilegiado bem-estar, que procuram conservar de pé o edificio, tapando buracos, pondo escoras, substituindo uma ou outra trave secundária, ao mesmo tempo que procuram afastar os que do edificio se aproximam em attitude hostile.

Mas tudo é inutil. Tapa-se um buraco, aparecem dois; põe-se uma espora e ouve-se a queda dum bocado de parede; substitue-se uma trave por outra e verifica-se, a breve trecho, que a nova trave estava quasi tão pôdre como a antiga.

A podridão é grande e os conservadores do edificio sabem-no do melhor que ninguem; mas tudo hão de fazer para evitar que elle desabe. E os fazedores da opinião, ao seu serviço: no jornal, na tribuna, no livro, na cátedra, etc., empregam a sua melhor retórica para nos convencerem de que, sendo a revolução social uma utopia desastrosa, cuja effectivação seria a ruina da obra civilisadora de seculos, concluem que outra coisa não ha a fazer, não se querendo ser louco, criminoso ou indifferente, senão opôrmo-nos, com todas as nossas forças, ás tentativas destruidoras que apareçam, conservando a actual ordem de coisas, embora introduzindo-lhe todas as modificações necessárias.

Porque é preciso que se note que estes conservadores são, ao mesmo, muito liberais, amigos do progresso como ninguem, *mas do progresso realizado em termos*. Concordam até, os mais espertos, em que grandes mudanças se impõem, vistas as circumstancias especiais da época que se atravessa. Mas mudanças razoaveis, dentro da legalidade, executadas pelas entidades competentes e *atendendo a todos os interesses legítimos*; isto é, mudanças que não vão afectar as instituições fundamentais, em que assenta o bem estar de que se disfruta. Como quem diz: mudanças que não mudem nada.

Só assim é que elles consentem que se bula no edificio.

Doutra fôrma preferem que tudo se desmorone; preferem a subversão total, a que se tente realizar uma transformação que lhes faça perder a situação privilegiada que tem. "Ou o que está ou coisa nenhuma", poderia ser e é talvez a sua divisa.

Estabelecer em bases diferentes a vida económica, é o que os enche de pavor, embora de mais nada se precise, porque sabem ou pressentem que é essa a transformação fundamental, de que todas as outras são uma consequência. Se fôsse possível transformar tudo o mais sem tocar nos privilégios económicos, não se oporiam á revolução porque, não os animando idealismo algum, nenhum amor tem ao que não represente um interesse de ordem material. Não se exagera dizendo isto.

* * *

Tudo que os fazedores da opinião apregoam como sagrado, nobre, intangivel; o que dizem ser as características da nossa civilização, garantindo a estabilidade social ou promovendo o progresso material e moral, tudo isso é apresentado de fôrma a constituir a poeira que se atira aos olhos dos outros para que se não veja a realidade das coisas.

Quando a revolução social é pregada como uma transformação principalmente económica, os conservadores tornam-se idealistas e accusam os revolucionários de só pensarem no estômago, de não se elevarem acima da preocupação mais inferior. E entoam hinos á espiritualidade da vida!

Se a revolução é pregada como uma transformação não só económica, mas politica e moral, visando á modificação das instituições respectivas, os conservadores levantam os braços ao ar e manifestam, por todas as fôrmas, o seu horror pela tremenda catástrofe. Então é poeira ás mãos cheias, atirada aos olhos dos ingenuos, dos simples, para lhes infundir a sagrada aversão de tais heresias e dos heréticos pregadores; e pede-se repressão em nome da defeza das instituições civilisadoras.

Como os ingenuos e os ignorantes são legião, não é difficil conseguir-se o que se pretende, tanto mais que vão ao encontro de hábitos, de ideias inveteradas e de preconceitos aos quais repugnam sempre as inovações. A sua tarefa é, sem dúvida, mais fácil do que a nossa; mas não fôra a fôrça legal de que dispõem e que baptisam com o nome de legitima, usando dela para se impedir a propaganda a que chamam, com toda a razão, dissolvente, porque tende a dissolver os privilégios de que gozam, não fora essa fôrça e bem depressa, apesar de muitas difficuldades, se conseguiria desfazer preconceitos e que todos vissem claro.

* * *

Porque nos basta a revolução económica? Porque realizada ela, o resto viria facilmente por uma natural evolução, de tal fôrma tudo anda, na sociedade capitalista em que vivemos, ligado á condição económica de cada individuo e tão grande, sobretudo, é a mentira das instituições politicas e sociais. Ha muito tempo que essa mentira é sentida por todos e compreendida por muitos. Desde que a Religião perdeu o prestigio, batida pela Sciência e pela Critica, a ilusão foi-se desfazendo; e a Moral e o Civismo só existem para justificar aos olhos dos simples, o poderio dos ricos.

Desapareçam as dependências económicas, desapareçam as possibilidades de se conseguir o que agora se consegue, só pelo facto de se ter dinheiro, perca o dinheiro o prestigio que lhe vem do poder de garantir a vida e o bem-estar, saiba cada um que tem a existência assegurada desde que trabalhe,

e vêr-se-á como rapidamente essas instituições e costumes, considerados como fundamentais, sagrados e intangíveis, se modificam, sem que a civilização se perca, antes com benefício real para ela.

Queremos a transformação económica, porque além de nos trazer um aumento geral de bem-estar material, contribue poderosamente para que a vida política, isto é, o civismo não seja uma mentira e a moral social uma repugnante comédia.

O civismo e a moral social que deviam ser o que os nossos conservadores apregoam: as mais altas expressões da vida colectiva, não são mais que um jogo de hipocrisias ao serviço da desigualdade económica, para que esta se mantenha em proveito dos seus privilegiados.

Não é assim? Exagero, leitor ingénuo?

Não tenhas então receio de olhar para o interior do edifício, cuja fachada ainda te infunde respeito, embora já te não deslumbre. Examina, põe de parte certos preconceitos, pensa e reconhecerás que o facto, que é a norma, dêse civismo e dessa moral se apregoarem e não se praticarem, anda ligado, numa relação de dependência, com o regime económico. Então se fores honesto e corajoso virás para o nosso lado e dirás como nós dizemos:

Se queremos a revolução económica, não é só, o que já seria bastante para a justificar, para que não abarrotam os ociosos e não tenham fome os que trabalham. Não é só para isso; é também para que haja civismo e moral social, mas de forma que sejam realmente as mais nobres expressões da vida. Se queremos a revolução é para que o veto do cidadão, como a afirmação política do agrupamento a que pertencer, não seja o aluguer dum cínico ou dum boçal, e se acabe com a comédia da igualdade no sufrágio a mascarar a tragédia da desigualdade no celeiro.

Se queremos a revolução, é para que a moral social seja uma verdade: para que não haja mais um rapaz a ganhar dez tostões e a irmã dele a ganhar dez libras com o mesmo patrão; para que a justiça não seja o campo onde o dinheiro é soberano para condenar pequenos gatunos e absolver grandes ladrões, ou sugar órfãos ricos e não fazer caso de órfãos pobres; é para que o amor da família, — a sagrada instituição! — se não manifeste nas disputas, nas brigas, nas calúnias de parentes, quando há heranças a dividir; para não haver baixezas de herdeiros esperançados, nem cóleras, invejas e crimes de herdeiros desapontados; é para que a pureza dos costumes se não reflita no olhar de superior desdém que lançam as noivas que se venderam na administração ou na igreja, porque calculam, para aquelas que se entregam porque amam, e para que não se afaste a amante honesta, do lugar onde se aceita, com demonstração de hipócrita estima, a esposa adúltera.

Se queremos a revolução é para que não continuem os assnos diplomados a preterirem os competentes sem diplomas; é para que acabe a prostituição do escritor, do professor, do artista, metidos no dilema terrível da rebeldia perigosa ou da transigência deprimente iludida com sofismas; é para que a competência, a consideração e a honra deixem de estar dependentes, como estão agora tanta vez, de meia folha de papel selado; é enfim, para que acabe tudo onde há humilhação, resignação dolorosa, revolta abafada em lágrimas, espírito de independência sufocado, acôrdo forçado, dissimulação, toda essa série de actos tristes que refletem o rebaixamento da personalidade, e que se executam para não se ficar sem o ganha-pão, para não fazer sofrer os que se estimam, para não se ser banido como um empestado e quanto mais não seja, por instinto de conservação.

Medita bem, leitor ingénuo; examina cada caso passado com os que te rodeiam, com os amigos e conhecidos, contigo próprio e perguntarás porque acontece tudo aquilo, se não é porque a dependência económica subordina uns homens a outros? Observa, indaga e has-de ver que todo esse caudal de misérias morais, tem, como factor de grande importância, senão como causa directa ou indirecta, próxima ou remota, aparente ou oculta, a dependência económica. Pensa bem e reconhecerás que abolida ela, assegurada a existência a todos que trabalhem, esta vida de mentiras se transformaria para melhor, relativamente em pouco tempo, e começaríamos então a praticar essa moral e esse civismo por cujo desaparecimento tanto tartufo se mostra agoniado, quando ouve falar em revolução social.

Mas se não fosse possível a transformação, se a vida tivesse de continuar sendo o que é, com a mesma economia, a mesma política e a mesma moral, nesse caso pouco importaria que se produzisse a grande derrocada, desabando e afundando-se tudo, porque, em verdade vos digo, conservadores, não se perderia grande coisa.

EMILIO COSTA

Edição da SEARA NOVA

A' venda em todas as livrarias

PROBLEMAS ESCOLARES, do dr. Faria de Vasconcelos, 1.º vol. da Biblioteca de Educação 3 esc.ºs

Livro, ao mesmo tempo, prático e idealista, dum educador cujo primeiro trabalho pedagógico, publicado em português, se esgotou e está prestes a sair em 2.ª edição. Os *Problemas Escolares* são indispensáveis a todos os educadores: pais, mestres, preceptores, futuros professores, desde a Escola Infantil á Escola Normal Superior. O dr. Faria de Vasconcelos, dizemo-lo com a sobriedade de quem se refere a um dos mais úteis redactores desta Revista e cooperadores da nossa Empresa, é o tipo do educador moderno. Professor da Universidade Nova de Bruxelas, encarregado de cursos na Universidade de Genebra, fundador e director da Escola Bierges-lez-Wavre, professor e director da Escola Normal de Sucre, na Bolívia, e últimamente encarregado do curso de Pedagogia na Escola Normal Superior de Lisboa — vive, há mais de vinte anos, para os problemas da educação. Eis o sumário da sua obra.

1 — As características da educação contemporânea. 2 — A inspecção médica da escola. 3 — As enfermeiras escolares. 4 — O edificio escolar. 5 — Aulas e salas de trabalho. 6 — O sentido da água; anexos importantes da escola. 7 — Pátios e campos de jogos. 8 — Pedagogia dos jogos; play leaders. 9 — Os jardins escolares. 10 — Mobiliário escolar. 11 — As vantagens dos trabalhos manuais. 12 — O slöyd; Cygnæus, Abrahamson e Salomon. 13 — O sistema de Dewey e de Tadd. 14 — O sistema profissional. 15 — O que devem ser os trabalhos manuais na escola. 16 — Biblioteca e museus escolares. 17 — As excursões. 18 — As recapitulações. 19 — Os trabalhos escolares em casa. 20 — Unidade e homogeneidade na educação e ensino. 21 — Métodos e processos de educação e ensino. 22 — Horários: aulas e recreios. 23 — Sistemas norte-americanos de distribuição dos alunos. 24 — Os exames. 25 — As classificações escolares. 26 — O ideal e a educação.

O dr. Faria de Vasconcelos, além de escrever em todos os números da "Seara Nova" a secção *Ideas, Factos e Documentos*, dar-nos há alternadamente artigos sobre Educação e sobre Países Ibero-Americanos.